

As Aventuras de Tom Sawyer, Mark Twain

Prefácio

A MAIORIA DAS aventuras neste livro realmente aconteceu. Uma ou duas eram experiências pessoais. As outras eram de garotos da minha escola. Huck Finn realmente existiu. Tom Sawyer foi baseado em três garotos que conheci.

Meu livro é para meninos e meninas, mas espero que homens e mulheres também o leiam. Eu espero que meu livro faça com que eles lembrem alegremente os dias em que eram apenas crianças e como se sentiam, pensavam e andavam, e no que acreditavam e nas estranhas coisas que faziam as vezes.

Mark Twain (Hartford, Estado de Connecticut, 1876)

O DEVER DE TIA POLLY

— Tom!

Nenhuma resposta.

— TOM!

Nenhuma resposta.

A senhora procurou pelo quarto.

— Quando eu te encontrar, eu...

Ela não terminou a frase. Com a cabeça baixa, olhou debaixo da cama. O único que saiu foi o gato. Ela foi até a porta e olhou para o jardim. Tom não estava lá. A tia gritou:

— Ei, Tom!

Ela escutou um barulhinho atrás dela. Então virou e pegou um garotinho, impedindo que ele escapasse.

— O que você estava fazendo naquele canto?

— Nada.

— Nada! O que é isso na sua cara e nas suas mãos?

— Eu não faço ideia, tia Polly.

— Eu sei o que é. Você estava comendo algum doce. Eu te falei mil vezes pra não comer aqueles doces.

Ela se preparou para dar um tabefe nele e, quando sua mão estava a centímetros do garoto, ele gritou:

— Ah! Atrás de você, tia!

A senhora se virou. O garoto aproveitou para correr. Em um segundo ele já estava em cima da cerca. E logo estava do outro lado dela. A tia Polly estava surpresa. Não se segurou e até riu um pouco.

— Ai, esse garoto! Eu nunca sei o que ele pretende fazer. E ele sabe que eu não quero bater nele. Mas eu deveria. Se ele não for pra escola de tarde, eu vou obriga-lo a trabalhar amanhã. Tom odeia trabalhar, principalmente, aos sábados, já que não tem aula. Todos os outros garotos vão estar brincando. Mas eu tenho que tentar fazer com que ele seja um bom menino. Ele é o filho da minha falecida irmã, esse é o meu dever. Tenho que cumprir o meu dever.

Tom não foi pra escola e teve um dia maravilhoso. Ele só chegou em casa de noite e se apressou para fazer as suas tarefas. Seu irmão, Sid, já tinha feito tudo que precisava. Ele era um garoto bem quieto, não tinha aventuras e não se metia em problemas.

Enquanto Tom comia, sua tia o fez algumas perguntas. Ela queria saber o que ele tinha feito de tarde.

— Tom, estava quente na escola?

— Sim, tia Polly.

— Você queria ter ido nadar?

Tom começou a ficar assustado. Será que ela sabia de alguma coisa?

— Não, tia Polly. Não muito.

Ela tocou a sua camiseta. Estava seca. Mas ele sabia o que ela ia tocar depois.

— Estava muito quente, então nós molhamos nossas cabeças. Meu cabelo ainda não está seco — Tom disse rapidamente.

Ele ficou olhando para a tia. Sim, ela acreditou nele. Ele estava seguro, e a tia Polly estava feliz em acreditar que ele foi um bom menino.

As tardes de verão eram longas. Tom estava andando na rua, assobiando como um pássaro. Mas aí ele parou de assobiar. Encontrou um garoto, um pouco maior que ele, que nunca tinha visto antes. As roupas do garoto eram novas e muito boas, além de tudo, estava usando sapatos. Tom só usava sapatos e roupas boas para ir à igreja aos domingos. Tom não conseguia parar de olhar. As roupas do outro garoto pareciam ficar cada vez melhores, e as suas só pioravam.

Os dois ficaram quietos. Quando um andava, o outro andava também. Mas eles só andavam em círculos. E não paravam de se encarar. Então Tom disse:

— Eu consigo te arrebentar!

— Tenta então.

— Eu consigo.

— Não, você não consegue.

— Consigo sim.

— Não consegue.

— Consigo sim.

— Não consegue.

— Consigo!

— Não consegue!

Os dois voltaram a se encarar. Tom falou:

— Eu consigo te arrebentar com uma mão só.

— Vai nessa. Já que você consegue.

— Esse boné!

— Quer tentar tirar ele da minha cabeça?

— Eu vou tirar mesmo.

— Você tá com medo.

— Não tô.

— Tá sim.

— Não tô.

— Tá sim.

E voltaram a andar em círculos. Agora estavam frente a frente, um tentando derrubar o outro. E, do nada, os dois estavam rolando no chão. Puxavam o cabelo um do outro e se estapeavam.

Através da poeira, Tom apareceu, agora sentado no garoto e dando-lhe vários socos:
— Já desistiu? — Disse ele.

O garoto tentou escapar. Ele estava chorando de raiva.

— Já desistiu? — Tom falou, tirando sarro do menino.

Então o garoto disse:

— Chega!

Tom o deixou levantar e ir embora. Mas, assim que Tom se virou, o outro garoto jogou uma pedra e acertou as costas dele. Por isso, Tom seguiu o menino até a casa deste e o ficou esperando. Mas o garoto não saiu de lá. A mãe dele falou que Tom era um encrenqueiro e o mandou voltar para casa.

Tom só chegou em casa de noite. Sem fazer nenhum barulho, ele entrou pela janela. Mas sua tia estava esperando por ele. Sid tinha contado sobre a briga para ela. Depois de ver as roupas de Tom, ela teve certeza que o garoto realmente tinha brigado com alguém. A tia sabia o que deveria fazer. Tom teria que trabalhar no sábado.

The Adventures of Tom Sawyer, Mark Twain

A Few Words to Begin

MOST OF THE adventures in this book really happened. One or two were my own experiences. The others were experiences of boys in my school. Huck Finn really lived. Tom Sawyer is made of three real boys. My book is for boys and girls, but I hope that men and women also will read it. I hope that it will help them to remember pleasantly the days when they were boys and girls, and how they felt and thought and talked, what they believed, and what strange things they some-times did.

Mark Twain (State of Connecticut, Hartford, 1876)

AUNT POLLY DECIDES HER DUTY

“Tom!”

No answer.

“TOM!”

No answer.

The old lady looked around the room.

“When I find you, I—”

She did not finish. With her head down, she was looking under the bed. Only the cat came out. She went to the open door and looked toward the garden. No Tom was there. She shouted:

“You, Tom!”

There was a little noise behind her. She turned and caught a small boy, stopping him before he could escape.

“What were you doing in that corner?”

“Nothing.”

“Nothing! What is that on your hands and face?”

“I do not know, Aunt Polly.”

“I know. You have been eating sweets. I have told you a hundred times not to eat those sweets.”

Her hand was raised in the air—it started down—it was very near—

“Oh! Look behind you, Aunt!”

The old lady turned. The boy ran. In a moment he was up on the high board fence. Then he was on the far side of it. His Aunt Polly was surprised. Then she laughed a little.

“That boy! I never know what he will do next. And he knows that I do not want to hit him. But I should. And if he does not go to school this afternoon, I must make him work tomorrow. He does not like work. Especially on Saturday, when there is no school, he does not like work. All the other boys will be playing. But I must try to make him a good boy. He is my dead sister’s son, and it is my duty. I must do my duty.”

Tom did not go to school and he had a very happy afternoon. He came home late. He hurried to do his share of the evening work. His brother Sid had already finished his share. Sid was a quiet boy, who had no adventures and also no troubles.

While Tom sat eating, his Aunt Polly asked questions. She hoped to learn about his afternoon.

“Tom, was it warm in school?”

“Yes, Aunt Polly.”

“Did you wish to go swimming, Tom?”

Tom began to feel afraid. What did she know about his afternoon? “No, Aunt Polly. Not very much.”

She touched his shirt. It was dry. But Tom knew what she would touch next. He said quickly, “Some of us put water on our heads because we were hot. My hair is not dry yet.” He watched her face. Yes, she believed him. He was safe. And Aunt Polly was glad to believe that he had been good.

The summer evenings were long. Tom walked along the street, whistling like a bird. Then he stopped whistling. He had met a stranger, a boy a little larger than he was. The boy’s clothes were new and good, and he was wearing shoes. Tom would wear shoes and good clothes like these only to church on Sunday. Tom looked and looked. The boy’s clothes seemed to become better and better, and his own clothes seemed to grow poorer.

Neither boy spoke. If one moved, then the other moved. But they moved only to the side, in a circle. They remained face to face and eye to eye. Then Tom said:

“I can beat you!”

“Try.”

“I can.”

“No, you can’t.”

“Yes, I can.”

“No, you can’t.”

“I can.”

“You can’t.”

“Can!”

“Can’t!”

A moment of quiet. Then Tom said:

“I could beat you with one hand.”

“Do it. You say you can do it.”

“That hat!”

“Hit it off my head if you can.”

“I will.”

“You are afraid.”

“I am not afraid.”

“You are.”

“I am not.”

“You are.”

More moving in a circle. Now they were shoulder to shoulder, each trying to make the other fall back. And then suddenly they were both rolling in the dust. Each pulled at the other's hair, and each hit the other's nose.

And now through the dust Tom appeared, sitting on the new boy, beating him with hard, closed hands.

“Have you had enough?” said he. The boy tried to get free. He was weeping with anger. “Have you had enough?”

Then the new boy said, “Enough!” Tom let him stand up and walk away. But as soon as Tom turned, the new boy threw a stone, hitting Tom's back. Therefore, Tom followed him home, and waited. The boy did not come out again. His mother came and said that Tom was a bad child. She told him to go home.

It was late when Tom got there. Very quietly and carefully, he entered through a window. But his aunt was waiting for him. She had learned from Sid about Tom's afternoon. Now she saw his clothes and she knew that he had been fighting. She knew what she must do. Tom would work all day on Saturday.